

90

MINUTOS

Janeiro — Março 2018
Preço: Oferta

#0





A noventa minutos é uma revista de futebol que vive a paixão pelo jogo e que prolonga a emoção para lá da hora!

Como explicar o fenómeno Futebol? Como explicar um fenómeno que mexe de tal forma com as emoções, transformando o mais racional dos seres no mais irracional? Um fenómeno que nos faz perder a objectividade ao ponto de distorcer os factos diante dos nossos olhos, em que o mesmo penákti pode ser: claríssimo, sem qualquer ponta de dúvida, quando marcado a favor da nossa equipa; ou difícil de analisar, deixa muitíssimas dúvidas, quando contra a nossa equipa. É difícil objectivar a relação de um adepto com o seu clube. São sobretudo razões emocionais que dificilmente se explicam e que nos fazem optar e defender até à morte as cores de um clube em detrimento de outro. Essa é a magia do futebol! A capacidade de despertar emoções que vão desde as paixões assolapadas às reacções descontroladas ou ao sofrimento desmedido, de nos unir em torno de um mesmo objectivo, de nos fazer sentir que aqueles **noventa minutos** são os mais importantes da nossa vida. Durante esses minutos, um sentimento de euforia e crença faz todos os impossíveis parecerem possíveis. A perder por 3-0 a 5 minutos do fim, o adepto acredita sempre que a vitória é possível até o árbitro apitar para o final, tudo é possível! É o tempo de todas as emoções, de um sentimento de comunhão e partilha inabaláveis que nos faz esquecer o mundo à nossa volta. São os minutos mais importantes para qualquer adepto, pelos quais sonha e anseia toda a semana, percorre quilómetros e quilómetros, adia compromissos inadiáveis... não há nada mais importante.

É esta paixão, este sentimento inexplicável que move todos os que, como nós, adoram o futebol que está na génese da revista **noventa minutos**, e que queremos prolongar para lá da hora e fora das quatro linhas. A **noventa minutos** foi pensada para quem vê o futebol além da paixão clubística; que o vê enquanto desporto. Para os amantes de tudo o que tem que ver com futebol! Que se interessam pelo jogo nas suas várias vertentes (técnicas e tácticas), pela história do desporto, pela sua evolução, por quem joga (jogadores/as) e quem faz jogar (equipas técnicas, dirigentes, etc.), pela sua envolvente e impacto na sociedade.

Com a **noventa minutos**, pretendemos ser alternativa às publicações desportivas de tiragem diária, disponibilizando conteúdos relevantes, úteis e diferenciadores que se destacam pelo enquadramento e credibilidade. Histórias e opiniões que estimulem a curiosidade e o interesse pelo desporto, oferecendo novas e diferentes perspectivas que despertem o entusiasmo e coloquem desafios e questões que gerem reflexão. Uma revista que comunica de forma actual, informada e com paixão, oferecendo conteúdo original e que influencie positivamente os leitores e os vários intervenientes. Tudo isto através de entrevistas, artigos de fundo e de opinião, reportagens, história e curiosidades do mundo futebolístico, análises, o papel social do futebol, sugestões e relacionados (livros, cinema, ...), opinião do leitor/adeptos. Que comece o jogo!

EDIÇÃO

Gonçalo Durães
goncalo@noventaminutos.pt

DIRECÇÃO DE ARTE

Gonçalo Durães

SUB-DIRECÇÃO

Sandra Marques Augusto
sandra@colectivo7186.com

REGISTO ERC

noventa minutos - dentro e fora de campo
Nº 127088 — 07/02/2018

ISSN 2184-1950

TIRAGEM

3.000 exemplares
[#0 — 50 exemplares]

IMPRESSÃO

A3 Artes Gráficas
Estrada Nacional 8 - n.º 34
2565-646 Ramalhal

PAPEL

Capa - Munken Lynx 240g.
Miolo - Munken Lynx 100g.

AUTORES

Nuno Amado

É doutorado em Teoria da Literatura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma tese sobre Fernando Pessoa, e dá actualmente aulas na Universidade Católica Portuguesa. Além da literatura, e de outros entusiasmos artísticos e académicos, interessa-se particularmente por futebol. É um dos fundadores do blogue *Entre Dez*, onde publica com maior ou menor regularidade desde 2007, mas escreve também para o site de futebol *Lateral Esquerdo* e para o jornal *Record*.

Pedro Santo

Co-criador de Bruno Aleixo e de todo o universo que circunda a personagem, produz conteúdos para televisão, rádio e Internet, tendo ainda co-apresentado uns e vocalizado outros. Quanto a bola, assume-se humilde entusiasta de Maradona, Le Tissier, Gascoigne, Balakov e Mágico González.

Telmo Rodrigues

É doutorado pelo Programa em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras, com a tese 'For a Lark: The Poetry of Songs', na qual explora as relações entre a música popular e a poesia. É actualmente director da revista *Forma de Vida*.

PRÓXIMO NÚMERO

Segundo semestre de 2018

CONTACTOS

Rua São Sebastião da Pedreira,
n.º 169, 1.º esq.
1050-207 Lisboa

info@noventaminutos.pt
www.noventaminutos.pt

SUBSCRIÇÕES

subscricoes@noventaminutos.pt

APOIO

gettyimages®

Ghome



visit us at www.ghome.pt

P12

LOTTO & TREVISO UM “CORDÃO DE TRÊS DOBRAS”

O desporto é uma das paixões do homem e uma das necessidades básicas do corpo e da alma.

P10

PONTAS DE LANÇA DO AUTOGOLO



P14

CLUBE DESPORTIVO SANTA CLARA

Em pleno Oceano Atlântico, numa ilha mais pequena do que a cidade de Nova Iorque e com uma população equivalente à lotação do antigo Estádio da Luz, encontramos um clube com quase 100 anos de história.



P26

NUMMER 14

Johan Cruyff foi, muito provavelmente, o homem que maior influência teve na evolução do jogo de futebol, tal como o conhecemos hoje.



P20

P32

**HUNGRIA
D'OURO
X
PORTUGAL
DO SKYDOME**



UEFA LIGA DAS NAÇÕES 2018-2019

A primeira edição da nova prova da UEFA terá início a 6 de setembro e contará com 55 seleções divididas por 4 divisões, chamadas de Ligas. A fase de grupos decorrerá de Setembro a Novembro de 2018, e a fase final, em Junho de 2019. As equipas foram divididas de acordo com as suas posições no *ranking* da UEFA após a conclusão das eliminatórias de apuramento para o Campeonato do Mundo FIFA de 2018, a realizar-se, na Rússia. Na Liga A, estão as seleções mais bem classificadas, e na Liga D, as piores classificadas. Portugal está no grupo 3 da Liga A juntamente com a Itália e a Polónia. Cada liga está subdividida em 4 grupos de 3 ou 4 equipas que jogam dois jogos entre si — casa e fora —, entre Setembro e Novembro, num total de 6 ou 8 jogos. Os primeiros classificados de cada grupo da Liga A qualificam-se para uma *final-four* por eliminatórias (meia-final e final), a jogar em Junho de 2019. As equipas das restantes ligas irão disputar a promoção ou despromoção para a divisão superior ou inferior. Em cada divisão, os quatro vencedores de cada grupo (excepto na

Liga A) são promovidos, enquanto os últimos classificados (excepto na Liga D) serão despromovidos.

A nova competição servirá também de processo de qualificação para o Campeonato Europeu de Futebol de 2020, uma vez que as últimas 4 vagas serão decididas através de um *playoff* entre os 16 vencedores de cada um dos grupos da Liga das Nações. No caso do vencedor do grupo já estar qualificado, a vaga será atribuída à seleção da sua liga mais bem classificada no *ranking* da UEFA. Cada liga terá uma fase final composta por dois jogos (meia-final e final), e os vencedores de cada fase final qualificam-se para o Campeonato Europeu de Futebol de 2020, que pela primeira vez se realizará em 13 países em simultâneo.

O objectivo desta nova competição é permitir às seleções de *ranking* médio e mais pequenas uma possibilidade extra de qualificação para a fase final do EURO e, ainda, substituir a maioria dos jogos amigáveis. A ideia é, à imagem das competições de clubes, passarmos a ter um campeão de seleções no fim de cada temporada.

MAJOR LEAGUE SOCCER

O pontapé de saída para mais uma época regular da Major League Soccer — campeonato profissional de futebol das federações Americana e Canadiana — aconteceu no início do mês, com a derrota por 2-0 dos campeões em título Toronto FC frente aos Columbus Crew SC, clube do ex-Braga Pedro Santos. Na sua 23ª edição, a Major League Soccer conta com 23 equipas, 20 americanas e 3 canadianas, que até Outubro, e durante 34 jornadas, decidirão entre si os lugares de acesso aos *playoffs*. Qualificam-se os 6 primeiros de cada conferência, com os Toronto FC e os New York City FC, a este, e os Seattle Sounders FC, a oeste, a perfilarem como favoritos.



CAMPEÕES DE RIADE

Foi a 3 de Março de 1989 que Portugal se sagrou campeão mundial de futebol de sub-20 em Riade, ao vencer a Nigéria na final por 2-0, com golos de Abel e Jorge Couto. Treinados por Carlos Queiroz, aquela que viria a dar origem à “geração de ouro” do futebol português contava nas suas fileiras com nomes como João Vieira Pinto, Fernando Couto e Paulo Sousa. Na caminhada até à final, venceu na fase de grupos a Checoslováquia e a Nigéria por 1-0, e perdeu com a Arábia Saudita, a seleção anfitriã, por 0-3. Nos quartos de final, ganhou por 1-0 à Colômbia, resultado que iria repetir na meia-final contra o Brasil.



SELECÇÃO A FEMININA

Terminada a participação na Algarve Cup 2018 com a melhor classificação de sempre na prova, o próximo objectivo é a qualificação para o Campeonato do Mundo 2019, em França.

A selecção portuguesa de futebol feminino conseguiu a sua melhor classificação de sempre na Algarve Cup, ao conquistar um lugar no pódio naquela que foi a 25.ª edição da competição. A melhor classificação de Portugal até então foi um oitavo lugar, conquistado em 2009 e em 2004. Portugal venceu a China por 2-1 na jornada inaugural, empatou com a Austrália, e venceu a Noruega por 2-0. No jogo de atribuição do terceiro e quarto lugar encontrou novamente a Austrália, quarta classificada do *ranking* mundial da FIFA, e venceu por 2-1, com golos de Nádía Gomes e Vanessa Marques. Um resultado que comprova o bom momento da selecção e a evolução registada ao longo dos últimos anos, e que culminou com

o histórico apuramento para o Euro 2017, no qual esteve perto de se qualificar para os quartos de final.

O próximo objectivo é a qualificação para o Campeonato do Mundo de 2019. A fase de apuramento iniciou-se em Outubro passado. Portugal faz parte do Grupo 6 da zona europeia de qualificação, juntamente com a Itália, Bélgica, Roménia e Moldávia. Neste momento, e após 3 jornadas, Portugal encontra-se em terceiro lugar com 3 pontos, fruto de 1 vitória (Moldávia) e duas derrotas (Itália e Bélgica). O próximo jogo é contra a Bélgica a 10 de Abril, seguido de uma jornada dupla em Junho, contra a Itália e Roménia. Francisco Neto, o seleccionador nacional, espera um primeiro semes-

tre de 2018 complicado, mas mostra-se confiante no apuramento. Esta é a sexta vez que Portugal tenta apurar-se para um Campeonato do Mundo. Antes, disputou, sem êxito, o apuramento para os Campeonatos do Mundo de 1999 (EUA), 2003 (EUA), 2007 (China), 2011 (Alemanha) e de 2015 (Canadá). A melhor prestação aconteceu na qualificação para o Mundial de 2011, ao classificar-se em 3.º lugar no grupo em que estava inserido, com 12 pontos em 24 possíveis. Os sete vencedores de cada grupo apuram-se directamente, enquanto os quatro melhores segundos classificados irão jogar um *playoff*. O vencedor do *playoff* juntar-se-á aos sete vencedores dos grupos e à anfitriã, França.

PONTAS DE LANÇA DO AUTOGOLO

Destes pontas de lança não reza a história. Vamos conhecer alguns dos mais notáveis especialistas a marcar golos na baliza errada.

PEDRO SANTO

Tal como nos sonhos bonitos, foi ao serviço do clube da terra que o defesa Celestino da Silva entrou para a gloriosa história do futebol português. A 12 de Março de 1994, o Benfica, de Toni, brindava o Famalicão, de Abel Braga, com um oito-a-zero, com Celestino a contribuir decisivamente com 1/4 dos golos: o primeiro, aos 25 minutos, a desbloquear o jogo; e o segundo, aos 70, num belo cabeceamento que teria fechado mesmo a contagem, se Rui Águas não o tivesse feito pouco minutos depois, também de cabeça. Não sendo grande história para orgulhar os netos, convém notar que Celestino teve uma passagem fugaz pelo Porto, na época 85/86, estreando-se num jogo da Taça dos Campeões Europeus contra o Barcelona, de Schuster. Saiu ao intervalo, quando ainda estava zero-zero, e só voltaria a jogar pelo das Antas mais uma vez: uns dias depois, num jogo da Taça, em Águeda, onde entrou para queimar tempo numa vitória por 1-0. Ou seja, na sua carreira pelo Porto, a equipa não sofreu um único golo, tendo defrontado adversários tão díspares como o Barcelona ou o Águeda. Bem bom, tomara muitos.

“ENTÃO E O BETO, DAQUELA VEZ?”

Verdade, Beto (ou Roberto Severo, quando chegar a treinador da 1.ª Divisão e tiver a sua primeira conferência de imprensa) fez mais de 300 jogos pelo Sporting, foi capitão e bicampeão, mas terá imitado Celestino a 3 de Janeiro de 1999. Também a favor de um Benfica orientado por um homem de bigode (Souness, no caso), o central sportinguista decidiu o *derby* (1-2), embora, em sua defesa, se possa

dizer que o segundo golo terá sido a meias com Jorge Cadete (recém-chegado do Celta, em estreia pelos da Luz). Aliás, o avançado ainda hoje garante a autoria daquele segundo golo, aos 79 minutos, e, não havendo razões para desconfiar de Jorge Cadete seja em que temática for, pode dizer-se com bastante propriedade que Celestino houve mesmo só um.

STAN VAN DEN BUIJS

Segundo o mito urbano que a Internet teima em reforçar, este defesa belga teria marcado um *hat-trick* de autogolos a 22 de Janeiro de 1995, decidindo em absoluto o jogo do seu Germinal Ekeren (actual Beerschot) contra o Anderlecht (2-3). Infelizmente para Celestino, não é verdade. De facto, den Buijs marca o primeiro golo do Anderlecht, empatando o jogo com um desvio subtil de cabeça ao 1.º poste, após um livre lateral; e até se poderá considerar que o 1-2, num início de carrinho que desvia a bola rematada por Marc Degryse, seja um autogolo de pleno direito à luz da nomenclatura vigente na época. O problema é o terceiro tento, essencial em qualquer *hat-trick* que se preze: após um ressalto, o desvio de cabeça de den Buijs cobre o próprio guarda-redes num chapéu bem jeitoso e entraria com toda a certeza na baliza. Só que o médio Johan Walem (belo pé esquerdo, já agora) queria mesmo marcar — faria 23 anos, 10 dias depois — e fez questão de encostar de cabeça em cima da linha de golo. Em suma, e pelos vistos graças a Walem, ainda ninguém terá marcado mais golos contra a sua própria equipa do que Celestino naquela noite de Março de 1994.



© Getty Images

10

AUTO GOLOS

Richard Dunne, jogador do Queens Parks Rangers, é detentor de dois louváveis recordes: jogador com mais autogolos (10) e mais vezes expulso (8) na história da Liga Inglesa.



LIVE
YOUR
PASSION



SPIDER 200 XV FG

www.lotto.it

LOTTO & TREVISO

UM “CORDÃO DE TRÊS DO

12

«O sport é a revelação do corpo humano na sua imitação da alma na ambição de conquistar. O corpo conquista o que alma deseja: isso é o amor; a alma conquista o que o corpo deseja, isso é o outro amor. Mas no sport o corpo conquista o que a alma conquista, vão juntos na dinâmica.»¹

¹ Álvaro de Campos / Fernando Pessoa

SANDRA MARQUES AUGUSTO

O desporto é uma das paixões do homem e uma das necessidades básicas do corpo e da alma. Não há como negá-lo quando até nomes grandes da História da Humanidade, desde activistas como Nelson Mandela a escritores e poetas como Albert Camus e Fernando Pessoa, o gritaram a alto e bom som.

DOBRAS”

É mais do que natural que não se esgote em si e numa mera prática física, mas que transcenda a sua forma e o seu espaço para ser, também, um contorno da essência do homem — na partilha de valores éticos, na persecução de metas, na vivência de conquistas e sucessos. Indissociável à própria existência humana, nada mais expectável do que tanto o desporto torne “meninos em homens” como as pessoas tornem a mera prática de uma modalidade numa realidade que inspira e move montanhas, dando origem a relações apaixonadas e apaixonantes que, tantas vezes, são mal entendidas e até difamadas. Infâmias e desamores à parte, concentremos as nossas estórias no lado feliz, ou seja, quando *no sport o corpo conquista o que a alma conquista, vão juntos na dinâmica*.

Como aconteceu com o clube italiano Treviso Calcio e a Lotto, uma das mais célebres marcas italianas de calçado desportivo, uma parceria que impactou tanto a esfera do clube e do percurso profissional dos seus jogadores como a vida da comunidade local. Se a linha cronológica do nascimento destes dois protagonistas os distancia, a paixão pelo desporto uniu-os num *cordão de três dobras*.²

A primeira “dobra” é, desde logo, o futebol ser fonte de motivação e de inspiração. Com sede na província de Montebelluna, conhecida pela indústria do calçado, a Lotto é criada em 1973 por Giovanni Caberlotto com o objectivo de produzir calçado desportivo destinado

às modalidades do ténis e do futebol. E desde o primeiro momento, Caberlotto incute na sua empresa aquilo que o guia: a paixão pelo desporto e pelos valores que lhe são intrínsecos, como o respeito e o *fair play*. Não é, pois, de surpreender que o icónico logótipo da Lotto simbolize a sobreposição dos campos daquelas duas modalidades.

Giovanni Caberlotto foi o segundo “nó” que ligou os destinos da Lotto e do clube italiano, já que em 1993 tornou-se presidente do Treviso, cargo que ocupou durante quatro anos e “até que a morte os separou”. Sob a égide de Caberlotto, dá-se um renascer do clube: após a vitória consecutiva de três campeonatos, a equipa ascendia das divisões amadoras à Série B. Infelizmente, em 1997 o fundador da Lotto falece, deixando saudades e uma enorme estima, sentimento que ainda hoje é nutrido pelo clube, adeptos e comunidade.

Finalmente, o laço perfeito que os uniu terá sido a parceria de 24 anos, de 1992 a 2016, em que a Lotto apoiou o Treviso e o clube usou o seu equipamento dentro e fora de campo, conquistando em conjunto metas e realizando os sonhos de todos os envolvidos, inclusive do público: em 2005, ascende à Serie A, feito único na história deste clube.

Esta foi uma das estórias em que a Lotto e o futebol foram juntos na dinâmica do desporto, este que também o consideramos como “sal da vida”. Outras se seguirão, com outros enredos e outros tempos.

² «E, se alguém prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa», in Bíblia, livro Eclesiastes 4:9-12



14

CLUBE DESPORTIVO SANTA CLARA



1 • Santa Clara
Foot-ball Club —
Outubro de 1922 /
Março de 1927

GONÇALO DURÃES

Em pleno Oceano Atlântico, numa ilha mais pequena do que a cidade de Nova Iorque e com uma população equivalente à lotação do antigo Estádio da Luz, encontramos um clube com quase 100 anos de história.

O Clube Desportivo Santa Clara é o único clube açoriano a ter participado na primeira divisão e o mais representativo da região. A sua origem remonta ao início dos anos 1920 e à união do Santa Clara Foot-ball Club e do Sport Club Santa Clara, dois clubes do antigo bairro operário e núcleo piscatório de Santa Clara, no CD Santa Clara.

Os primeiros registos da prática futebolística nos Açores datam de 1895. No jornal *Sport* dos Açores de Maio de 1924, António Kopke Ayalla relata que foi nas pedreiras do porto onde se jogou pela primeira vez futebol com uma bola de caucho, vinda de Inglaterra. Terá sido um padre inglês, professor do Colégio Fisher, e dois funcionários ingleses do Cabo Submarino que introduziram o desporto na ilha. Curiosamente, os primeiros registos da prática desta modalidade no nosso país remontam a 1875 e são referentes a outro arquipélago, o da Madeira, tendo sido pelas mãos de Harry Hilton que o futebol aí chegou. Só mais tarde, em 1888, terá chegado a Portugal continental.

Fundado a 21 de Julho de 1927, o CD Santa Clara teve como primeiro presidente o Capitão Eduardo dos Reis Rebelo. Contudo, a sua história começa a escrever-se uma década antes, quando em 1917 acontecem os “Campeonatos de Santa Clara”, competição em que participavam equipas em representação das várias lojas do bairro de Santa Clara e que antecedeu a prática do futebol associativo na ilha de São Miguel. O campeão era, geralmente, decidido à melhor de dois jogos, e a equipa derrotada no primeiro jogo desafiava a equipa vencedora para uma desforra. Nesse mesmo ano, chegou a estar anunciada uma desforra entre os “Azuis” — cor da fita usada na diagonal sobre a camisa branca dos equipamentos — da loja do Sr. Antoninho Carreiro, vencedores do primeiro jogo, contra os “Vermelhos” da loja do Sr. João Travassos, mas esse jogo nunca se realizou. A competição foi interrompida devido ao ataque do submarino alemão U155, que levou à ocupação do parque desportivo Campo Açores pelo contingente americano afecto à base naval de Ponta Delgada.



© CD Santa Clara

A sua origem remonta aos inícios do anos 20 e ao bairro de Santa Clara, um antigo núcleo piscatório transformado em bairro operário.

2 • Equipa de honra em Lisboa, ainda a bordo do Carvalho Araújo



© CD Santa Clara

3 • Barcos no cais do Corpo Santo

Os “Campeonatos de Santa Clara” decorreram entre 1917 e 1922, e além dos referidos “Azuis” e “Vermelhos”, havia mais duas ou três lojas que patrocinavam outras tantas equipas.

O primeiro jogo oficial do CD Santa Clara como o conhecemos hoje disputou-se a 20 de Novembro de 1927 contra o Clube União Micaelense, o qual venceu por 2-1. A partir da década de 1930, começa a dominar o panorama futebolístico açoriano, vencendo por sete vezes, entre 1930 e 1937, o Campeonato Regional organizado pela Associação de Futebol de São Miguel.

A primeira digressão a Portugal continental aconteceu em Maio de 1935. O CD Santa Clara é o primeiro clube açoriano a deslocar-se a Portugal continental para um conjunto de jogos amigáveis. Nessa digressão, defronta o Barreirense (6-0), o Leixões (6-2), o Évora (5-1), o Montemor (a única vitória, 3-4) e o Sport Lisboa e Benfica, no lendário Campo das Amoreiras (11-2). De regresso aos Açores, houve ainda tempo para uma paragem na ilha da Madeira para defrontar o Marítimo. O acontecimento foi de tal forma marcante que, no regresso à ilha, a equipa foi recebida por centenas de pessoas.

As cores escolhidas pelo clube foram, desde sempre, o vermelho e o branco. A opção inicial recaiu em camisolas com listas horizontais como forma de fundir os equipamentos dos dois clubes que lhe deram origem. Na época 1936/37, o equipamento evoluiu para a actual camisola vermelha e calção branco. O símbolo original era constituído por «um leão vermelho em campo branco». O leão, que desde cedo passou a ser representado sobre uma bola, foi imagem de marca do CD Santa Clara até finais da década de 1950, sendo depois substituído por uma águia. Esta mudança foi consequência da ligação institucional com o Sport Lisboa e Benfica, numa relação que se iniciou em 1945 e se mantém ainda hoje. Foi pela mão do tenente Joaquim Rosado Charrua, conceituado sócio do Benfica e na altura destacado em Ponta Delgada, que se iniciou a aproximação dos dois clubes e que levou à constituição do CD Santa Clara como Delegação do Benfica, e à substituição, a partir da década de 1960, do emblema cujo símbolo praticamente se confunde com o do Sport Lisboa e Benfica diferindo-se apenas na divisa em latim *mens sana in corpore sano*.

No início da década de 1940 e como consequência da II Guerra Mundial, o CD Santa Clara suspende a sua actividade. Só em 1948/49 e 1949/50 volta a vencer o Campeonato Regional da agora denominada Associação de Futebol de Ponta Delgada, título que conquistaria ciclicamente durante as décadas seguintes. Nas décadas de 50, 60 e 70, viria a repetir o feito por mais 17 vezes, tornando-se o clube que mais vezes venceu o Campeonato Regional.

SUBIDA À 1ª DIVISÃO

Apesar do domínio regional, é nos anos 1980 que o CD Santa Clara começa a ganhar dimensão nacional, ao participar pela primeira vez num campeonato nacional, a 3.ª Divisão Série E. Consegue a promoção à 2.ª Divisão Nacional no final da época de 1985/86, mas na temporada seguinte desce de divisão e só em meados da década de 1990 é que volta a disputar a 2.ª Divisão Nacional. A época 1998/99 é o culminar dessa ascensão, terminando em terceiro lugar e subindo, pela primeira vez, ao principal escalão do futebol português. Numa equipa treinada por Manuel Fernandes, brilhavam nomes como do avançado russo Dimitry Prokopenko (melhor marcador com 12 golos), do guarda-redes Madureira e do defesa Eurico.

A estreia na 1ª Divisão fez-se no dia 20 de Agosto de 1999 contra o Sporting Clube de Portugal. O jogo

Para um clube como o CD Santa Clara, fortemente marcado pela insularidade, torna-se insustentável manter-se tantos anos numa divisão inferior.

PALMARÉS



25

CAMPEÃO
SÃO MIGUEL



3

CAMPEÃO
AÇORIANO



1

CAMPEÃO
DA II DIVISÃO B



1

CAMPEÃO
DA II LIGA

foi disputado no Estádio de São Miguel, em Ponta Delgada, e acabou empatado a dois golos. A permanência do clube na divisão duraria apenas uma temporada, e no final da época, fruto de um 18º lugar, acaba despromovido. Nessa equipa, despontavam nomes como Pedro Martins, actual treinador do Vitória de Guimarães, Clayton e Ricardo Sousa, que posteriormente viriam a jogar no Futebol Clube do Porto, e Amaral, avançado que passou pelo Sporting e pelo Benfica.

Na época seguinte, o CD Santa Clara torna-se campeão da 2.ª Divisão de Honra e sobe novamente à 1.ª Divisão, onde se mantém por duas temporadas. Em 2000/2001, alcança a sua melhor classificação ao terminar em 14.º, e marca presença na Taça Intertoto, defrontando o FC Shirak, da Arménia, e o FC Teplina da República Checa.

A partir da época 2003/2004, o CD Santa Clara esteve perto de subir de divisão somente numa ocasião. Foi na época de 2008/09, sob o comando de Vitor Pereira, em que terminou o campeonato a dois pontos da promoção. O forte investimento realizado ao longo dos anos deixou uma pesada marca nas finanças do clube, encontrando-se actualmente sob a alçada de um Processo Especial de Revitalização (PER), com o objectivo de reestruturar uma dívida de cerca de 8 milhões de euros. Em Junho passado, 47,6% das acções do clube dos Açores foram vendidas à PortAdmiral, empresa de um investidor de Singapura. Para um clube como o CD Santa Clara, fortemente marcado pela insularidade, torna-se insustentável manter-se tantos anos numa divisão inferior. A solução para os problemas económicos passa por «o Santa Clara subir de divisão nos próximos três anos», como afirmou Rui Cordeiro, presidente da SAD.

Na presente época, o CD Santa Clara tem-se mantido na luta pela promoção. O objectivo é claro: a subida à I Liga. Houve um forte investimento na tentativa de manter a base do plantel, à qual foram adicionados vários jogadores com experiência de 1.ª Divisão — Minhoca e Thiago Santana. O treinador, Carlos Pinto, também se mantém da época passada.

Porém, os desafios são muitos. A começar pela ausência de infra-estruturas próprias, isto é, o CD Santa Clara não possui campo, jogando no Estádio São Miguel, propriedade do Governo Regional dos

Açores. Uma contrariedade bastante peculiar para uma equipa profissional que se vê obrigada a treinar em campos partilhados com escolas, onde não há privacidade nem tranquilidade, requisitos essenciais para a preparação dos jogos.

Um factor preponderante e que torna o CD Santa Clara um clube particular é a insularidade. A ilha de São Miguel fica no meio do Oceano Atlântico, a quase 1.500 quilómetros do continente, significando que questões como a distância e o isolamento são problemas que a maioria dos clubes não tem e que dificulta a captação de jogadores ou as deslocações da equipa. Todavia, a insularidade também tem as suas vantagens: a fantástica paisagem que a ilha de São Miguel nos oferece ou a estabilidade e tranquilidade que se reflecte numa elevada qualidade de vida.

INSULARIDADE

Os Açores têm uma das mais altas taxas de natalidade de Portugal, e, num país onde o futebol é rei, seria de esperar uma maior aposta na formação, mas a falta de infra-estruturas e de competitividade nos escalões jovens não o permite. Apesar de haver alguns jogadores açorianos no plantel — o capitão Pacheco, Clemente, Minhoca, Ventura — a aposta continua a ser em jogadores estrangeiros.





Vídeo
Diego Costa, os
Açores estão à tua
espera

O pouco destaque e interesse por parte da comunicação social é mais um dos reflexos da insularidade que tem vindo a ser combatido por uma nova estratégia de comunicação nas redes sociais, e que tem trazido bastante visibilidade ao CD Santa Clara. O sentido de humor de alguns dos mais recentes vídeos tem dado que falar, com destaque para o convite feito ao jogador Diego Costa, do Atlético de Madrid.

Pedro Pauleta, um dos maiores goleadores portugueses de sempre, com 47 golos pela selecção portuguesa, é natural de São Miguel e iniciou a sua formação no CD Santa Clara, clube pelo qual jogou durante um ano, em 1991. Curiosamente, outros dos melhores marcadores de sempre da selecção nacional nasceu também num arquipélago: Cristiano Ronaldo, natural da Madeira.

Quando se comemoram quase 20 anos da subida do CD Santa Clara à 1.ª Divisão, é elevada a expectativa de voltar a ter uma equipa dos Açores no principal escalão do futebol português. Mais do que uma meta futebolística e uma conquista do clube, o regresso à 1.ª Divisão seria de enorme impacto para a região e um prémio para todos os açorianos.



© CD Santa Clara

4 • A equipa agradece o apoio dos adeptos depois de mais uma vitória.



AÇORES, SÃO MIGUEL

São Miguel é a maior e mais populosa ilha dos Açores, com uma área total de 744 km² — mede 62 quilómetros de comprimento e 15,8 km de largura máxima — e uma população de 137.856 habitantes (Censos de 2011).

19

Terá sido descoberta entre 1426 e 1439 por Gonçalo Velho Cabral, após a descoberta de Santa Maria. São Miguel forma o Grupo Oriental do Arquipélago dos Açores juntamente com a ilha de Santa Maria, situada a 81 km de distância. Ponta Delgada é a capital económico-administrativa da Região Autónoma dos Açores e a maior cidade desta região. Denominada por “ilha verde” pela densa e verdejante vegetação pontilhada pelas tão características hortênsias que conferem à ilha uma beleza ímpar, é conhecida pela paisagem vulcânica, pela flora e pela vida marinha rica, que inclui baleias. Ao natural, ou habitante, da ilha de São Miguel dá-se o nome de micalense.



PONTA DELGADA

LOCALIZAÇÃO

37.740529, -25.66803,694

POPULAÇÃO

137.856 habitantes













NUMMER

14



JOHAN CRUYFF FOI, MUITO PROVAVELMENTE, O HOMEM QUE MAIOR INFLUÊNCIA TEVE NA EVOLUÇÃO DO JOGO DE FUTEBOL, TAL COMO O CONHECEMOS HOJE.

NUNO AMADO

De um modo geral, o mundo progride compassadamente. Há momentos, porém, em que, por um conjunto de factores nem sempre fáceis de explicar, o progresso é feito por esticções da responsabilidade de um único indivíduo. Em determinadas alturas, em circunstâncias especialmente favoráveis, aparece um homem que, *a posteriori*, nos parecia fadado para mudar o mundo. É assim que olhamos retrospectivamente para os legados de Galileu, Newton ou Napoleão, por exemplo. Mais do que os representantes máximos da espécie, vemo-los quase como criaturas semi-divinas, e tendemos a reservar-lhes na nossa imaginação o mesmo espaço que reservamos aos mitos. E, no entanto, será que esses homens geniais fariam hoje parte da memória colectiva se não fossem as circunstâncias favoráveis em que tiveram a oportunidade de viver e de se distinguir? Se o telescópio não tivesse sido inventado previamente, Galileu não teria feito as descobertas que fez em Março de 1610, as quais lhe granjearam a reputação pela qual é hoje conhecido.

Se a peste negra que assolou o território britânico em 1666 não tivesse obrigado a fechar o Trinity College, em Cambridge, e Newton não passasse um ano em casa, o seu *annus mirabilis* provavelmente não teria ocorrido. Sem a Revolução Francesa, a instabilidade política subsequente, o advento da meritocracia e, no fundo, circunstâncias aparentemente tão irrelevantes como o cerco de Toulon, dificilmente o génio militar de Napoleão teria produzido as consequências avassaladoras que produziu.

Johan Cruyff foi, muito provavelmente, o homem que maior influência teve na evolução do jogo de futebol, tal como o conhecemos hoje. Mas, como qualquer homem genial, é filho das circunstâncias. Dificilmente teria sido o pensador original que revelou ser, capaz de influenciar tanta gente, se não tivesse tido a oportunidade de ser o trei-

NOS ANOS ÁUREOS DO AJAX, CRUYFF ERA SOBRETUDO UM AVANÇADO TECNICAMENTE DOTADO E MUITO VELOZ.

nador ou pensador, é indissociável da liberdade de pensamento de que pôde usufruir por ter nascido naquela Holanda pós-guerra. A sua imaginação estiolaria em qualquer outro ambiente.

nador que foi, e dificilmente teria sido esse treinador se não tivesse tido antes a oportunidade de jogar sob as ordens de Rinus Michels (no Ajax, no Barcelona e na selecção holandesa) e não se tivesse transformado num determinado tipo de jogador por causa dessa oportunidade. E também não o seria se não tivesse podido dar os primeiros toques na bola nas ruas de Amesterdão, se a morte prematura do pai, quando tinha doze anos, não o tivesse transformado num jovem profundamente determinado, e, sobretudo, se não tivesse crescido num meio social progressista e liberal, e, por conseguinte, particularmente favorável ao florescimento dos espíritos livres. O génio de Cruyff, enquanto jogador,



© Getty Images

Quando se vê um jogo dos anos 70, mesmo uma final de um campeonato do Mundo ou uma final da Taça dos Campeões Europeus, jogos supostamente protagonizados pelos melhores do mundo na altura, depressa se percebe o quão diferente era o jogo. Uma das coisas mais extraordinárias, a meu ver, é o facto de ninguém, nem mesmo os jogadores mais virtuosos, terem competências técnicas suficientes para proteger a bola. É verdade que os melhores jogadores se desenvencilhavam dos adversários pelo drible, pela velocidade, pela força ou pela imaginação. E também é verdade que a qualidade do passe e de recepção faziam diferença. Mas não protegiam a bola, não tinham por hábito jogar com a expectativa de desarme do adversário e não faziam uso da pausa ou das simulações de corpo. As competências técnicas de Cruyff, a velocidade pura e a rapidez com que executava, a qualidade assombrosa das suas recepções, a própria coordenação motora, a elegância de movimentos e a inteligência geral acerca do jogo não tinham paralelo no início dos anos 70. E, ainda assim, raramente o víamos a fazer uma coisa que um jogador mediano hoje é capaz de fazer: proteger a bola de um opositor que se propõe a tirar-lha sem ter necessariamente de lhe vencer a oposição. E não o fazia porque, pura e simplesmente, ninguém o fazia naquela altura. Somos criaturas miméticas e agimos, em grande medida, com base naquilo que os outros costumam fazer. A ideia de proteger a bola quando um adversário a tenta roubar era inconcebível. Ao longo do seu processo formativo, os jogadores ou eram incentivados a passar a bola antes da chegada do adversário ou eram incentivados a fintá-lo. Não eram incentivados a preservar a bola, nem a conduzi-la à distância desse adversário, nem a colocar o próprio corpo entre o defensor e a bola, e não aprendiam, por si próprios ou por ensinamento alheio, a jogar com a expectativa de desarme ou com o movimento corporal do defensor. Este simples pormenor fazia com que o jogo fosse completamente distinto. Há 45 anos, o melhor do mundo não tinha ao seu dispor metade dos recursos de que hoje dispõe qualquer jogador mediano. E isso fazia com que, muitas vezes, Cruyff tomasse decisões precipitadas ou se desfizesse da bola em condições desfavoráveis. E era o melhor do mundo na altura e provavelmente o jogador mais inteligente que até então já tinha pisado um relvado. Não é difícil imaginar as implicações disto

na qualidade geral do jogo. Parte do génio de Cruyff explica-se, a meu ver, por isto. Teve consciência dessa limitação desde muito cedo, e terá evoluído de modo a contrariá-la o melhor possível.

Nos anos áureos do Ajax, Cruyff era sobretudo um avançado tecnicamente dotado e muito veloz. Ainda que de fino recorte, o seu futebol não era especialmente elaborado. Definia bem, executava melhor do que os outros, era muito irreverente, estonteante, etc. Mas não era cerebral. A sua inteligência foi-se desenvolvendo ao longo da sua carreira, à medida que ia procurando soluções para os mais diversos problemas e à medida que sentia que os seus atributos não lhe eram suficientes.



WORLD CUP 1974

FINAL
7 JUNHO 1974




1 - 2

MUNDIAL DE 1974

Apesar do golo madrugador, a Alemanha acabaria por virar o resultado com golos de Paul Breitner (25') (Penálti) e Gerd Müller (43').

O mais célebre dos seus recursos técnicos — aquele movimento que consistia em fingir o cruzamento e, passando a bola por detrás do seu pé de apoio ao mesmo tempo que rodava sobre si mesmo, ganhar a linha ao opositor directo — foi a solução que encontrou, por exemplo, para resolver o problema específico de ficar encurralado junto à linha sem espaço de manobra, com um adversário nas costas e sem ninguém por perto a quem passar a bola. A inspiração de Cruyff, de resto, era deste género. Olhava-se para ele e percebia-se que, a cada momento, estava à procura de transpor os obstáculos que o jogo lhe colocava. E então, num golpe de génio, intuindo rapidamente que a solu-

ção para o problema concreto que tinha diante de si não estava em replicar uma acção antiga, experimentava uma coisa nova.

Quando o senhor Jack Taylor deu início à final do Campeonato do Mundo de 1974 e Cruyff sentiu que Berti Vogts, o defesa alemão destacado para acompanhá-lo por todo o campo, não lhe iria dar espaço para receber a bola mais à frente, decidiu de imediato vir buscar a bola à defesa. O que se seguiu foi inusitado e brilhante. A dada altura, Cruyff é o jogador mais recuado da selecção holandesa, que troca a bola no meio campo alemão de modo a encontrar espaços de progressão, e recebe a bola de um colega. Apesar de não haver nenhum colega atrás de si, e de uma perda de bola poder ser fatal, Cruyff decide encarar Berti Vogts, acelera, trava e volta a acelerar, deixa-o ligeiramente para trás e, aproveitando o posicionamento dos seus colegas de equipa, que tinham levado os defesas e os médios alemães que os vigiavam para perto da sua área e para as faixas, invade as linhas do adversário, entra na grande área germânica, é rasteirado e ganha uma grande penalidade. Os alemães ainda não tinham tocado na bola, e a Holanda já se adiantava no marcador. Intuindo em poucos instantes que a estratégia defensiva dos alemães poderia ser combatida se, contrariando todas as expectativas, baixasse no terreno e aproveitasse o espaço que os colegas lhe concediam, Cruyff deliberou levar a ideia de 'Futebol Total' ao extremo e experimentar algo que não estaria nas suas cogitações antes do início da partida, e acabou por ter sucesso. É bem possível que essa seja a jogada do século. Ainda que, no final, os alemães tenham sido campeões do mundo, a forma personalizada com que os holandeses entraram em campo e a coragem com que assumiram a iniciativa da partida ficaram gravadas na memória colectiva. Cruyff perdeu essa final, mas estabeleceu aí a sua imortalidade.

Aquele número 14 a preto, contra um fundo laranja, é inolvidável. Esse número e essas cores, capazes por si só de fazer ressurgir na memória das pessoas aquele que os eternizou, simbolizam a prodigiosa imaginação de Johan Cruyff. E é essa imaginação, ou a relevância que ela tem num jogo como o futebol, que garantem a Cruyff o lugar de destaque que lhe coube. O que o holandês revelou, sobretudo enquanto jogador, foi que o futebol se joga mais com a cabeça do que com as pernas. É esse o seu maior legado. Tudo o que fez posteriormente, enquanto treinador e enquanto pensador, foi dar corpo a essa

ideia excepcional e tornar mais clara essa verdade. Cruyff foi o primeiro jogador realmente imaginativo. Já havia jogadores potentes fisicamente, e jogadores muito habilidosos, mas nunca tinha existido um que tivesse desenvolvido tanto a imaginação. Enquanto os outros reagiam às incidências do jogo como tinham sido ensinados a reagir-lhes, ou como viam os outros a fazê-lo, Cruyff dava largas à imaginação e inovava. Antes dele, o futebol era um jogo de um determinado tipo; depois dele, passou a ser outra coisa. Ao mostrar que a imaginação era o atributo mais importante num jogador de futebol, não só se tornou na tão apetecível água de Hipocrene dos que vieram depois dele, como lhes abriu os horizontes e lhes deixou ao dispor uma miríade de possibilidades imaginativas. Todos os jogadores de futebol, como aliás todos os artistas, aprendem a sê-lo com os jogadores de futebol que houve antes deles, e que aproveitam para imitar. Antes de Cruyff, não havia jogadores imaginativos com os quais o holandês pudesse aprender, pelo que teve de ser ele, por si mesmo, a educar a sua imaginação. Essa educação contribuiu, desde logo, para o seu sucesso enquanto jogador (e mais tarde para o seu sucesso enquanto treinador), mas protagonizou também a mais decisiva revolução na História do Futebol, na medida em que fez dele o modelo a imitar daí em diante e na medida em que transformou aquilo que até então era um desporto como tantos outros, de rigor e excelência predominantemente atlética, numa verdadeira forma de arte. O número 14 que envergou no Ajax e na selecção holandesa é o epítome do espírito livre e sonhador, do criador que, não satisfeito com a realidade que lhe é dada a conhecer, e sobretudo com os limites que ela teima em impor-lhe, a transforma em obediência à sua imaginação, alargando-lhe as leis e as fronteiras para benefício próprio e dos demais. Devemos-lhe todos a liberdade que nos concedeu, na forma do que é hoje o futebol.



Vídeo

A incrível jogada de Cruyff contra a Alemanha na Final do Mundial de 1974.

QUANDO O SENHOR **JACK TAYLOR** DEU INÍCIO À FINAL DO CAMPEONATO DO MUNDO DE 1974 E CRUYFF SENTIU QUE **BERTI VOGTS**, O DEFESA ALEMÃO DESTACADO PARA ACOMPANHÁ-LO POR TODO O CAMPO, NÃO LHE IRIA DAR ESPAÇO PARA RECEBER A BOLA MAIS À FRENTE, DECIDIU DE IMEDIATO VIR BUSCAR A BOLA À DEFESA. O QUE SE SEGUIU FOI INUSITADO E BRILHANTE.



HUNGRIA D'OURO

Orientados por Gusztáv Sebes, um antigo sindicalista, a equipa dos Mágicos Magiares alcançou um registo impressionante entre 1950 e 1956. Foram 42 vitórias, 7 empates e apenas 1 derrota, diante da Alemanha, na final do Campeonato do Mundo de 1954 — o tal jogo que ficaria para a história como o Milagre de Berna. Adepto daquilo que apelidava de futebol socialista, Sebes pretendia que os seus jogadores fossem capazes de fazer várias posições, além de exigir que todos atacassem e todos defendessem sem bufar, olhar de lado ou chutar garrafas. O técnico esteve então na génese daquilo que se consagrou mais tarde como “futebol total”, tendo, de caminho, aplicado algumas das maiores cabazadas que o mundo da bola já registou. Foi aos seus pés que, por exemplo, a Inglaterra sofreu a maior derrota da sua história (7-1), levando uma senhora lição daquele inicial 2-3-3-2 que o tempo haveria de tornar num 4-2-4. E será precisamente com esta disposição que a Hungria d'Ouro se apresentará aqui. Na baliza, o ágil Grosics, que nem metro e oitenta tinha, mas compensava com reflexos e leitura de jogo, sendo mesmo pioneiro do que conhecemos como goleiro-libero. As laterais seriam ocupadas por Buzánszky à direita e Lantos à esquerda, com o central Lóránt mais recuado e o outro, Zakariás, a subir para o meio-campo sempre que a equipa tivesse a bola (que era bastantes vezes, escusado será dizer). Ficavam assim compensadas as subidas do médio Bozsik até às zonas de fantasista, de onde faria passes a rasgar para o ala-direito Budai e o ala-esquerdo Czibor. O ponta-de-lança, Hidegkuti, só o seria no papel, uma vez que passaria a vida a recuar para ajudar Bozsik na construção, arrastando os centrais adversários atrás de si, o que abria espaços que os falsos-extremos, Puskás e Kocsis, aproveitariam para instalar o caos.

Esta equipa, que muitos conhecem como “ah, a selecção que ganhou aquele torneio em alcatifa no Canadá, com os jogadores todos de sapatilhas”, fez exactamente isso: ganhou um torneio disputado numa espécie de alcatifa, que era o que tinha na altura o estádio SkyDome (agora Rogers Center), e os jogadores estavam todos de sapatilhas. Tratou-se do primeiro troféu internacional conquistado pela

PEDRO SANTO



- 1 • Grosics
- 2 • Buzánszky
- 3 • Lóránt
- 4 • Zakariás
- 5 • Lantos
- 6 • Bozsik
- 7 • Budai
- 8 • Czibor
- 9 • Kocsis
- 10 • Puskás
- 11 • Hidegkuti



- 1 • Alfredo
- 2 • Secretário
- 3 • Jorge Costa
- 4 • Paulo Madeira
- 5 • Nelo
- 6 • Rui Bento
- 7 • Calado
- 8 • Vado
- 9 • António Folha
- 10 • Pedro Barbosa
- 11 • Paulo Alves

PORTUGAL DO SKYDOME

selecção nacional a nível sénior — e único, até ao Euro-Éder —, e, como não poderia deixar de ser, foi conquistado de forma dramática por um conjunto de actores coadjuvantes da badalada Geração de Ouro. Era um torneio com apenas três equipas (nós, os canadianos e a Dinamarca), o que implicaria que cada equipa disputasse apenas dois jogos. Portugal estreia-se a 26 de Janeiro de 1995, diante do Canadá, e empata a uma bola. Ou seja, Portugal teria de vencer o seu segundo e último jogo, bastando um entediante empate para que os dinamarqueses voltassem a conhecer a glória. Portugal jogou mais, mas o zero-zero persistia, até que, à entrada para o último minuto, Jorge Costa acredita, torna-se em Beckenbauer, e desequilibra a organização nórdica, com uma subida com esforço e técnica atabalhoada em doses idênticas. Abre em Pedro Barbosa que, da direita, e com dois ou três defesas de volta dele, consegue cruzar para o coração da área, onde Paulo Alves, de primeira, bate um goleiro de calças de fato de treino chamado Krogh. Fará por isso todo o sentido que, para este encontro diante dos Húngaros d'Ouro, Portugal alinhe com esse mesmo onze que bateu os campeões do Euro '92.

Ora, dirigidos por António Oliveira e capitaneados por Nelo, que faria a lateral-esquerda, teria então Alfredo na baliza, Secretário na direita e Jorge Costa/ Paulo Madeira como dupla de centrais. Rui Bento funcionaria como libero ou número 6, dependendo de como desse mais jeito à equipa no momento, e mostrando que não eram só os húngaros há cinquenta anos que tinham elasticidade táctica. O meio-campo seria dominado pela então jovem esperança Calado e pelo irrequieto Vado, médios com a chamada “chegada à área” e um remate que não envergonhava assim tanto. Na esquerda, António Folha, um extremo-puro da escola que mandava só levantar a cabeça quando o cruzamento já tivesse partido há um bom bocado; e, partindo da direita, o vagabundo Pedro Barbosa, com liberdade total para ser lento e genial onde bem lhe apetecesse. Na frente, o herói Paulo Alves, ainda longe de saber que jogaria um bocadito com o Lampard e o Rio Ferdinand no West Ham, em 1998.



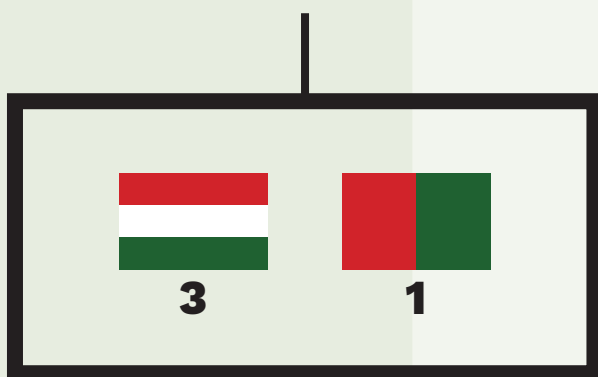
© Getty Images

Sebes pretendia que os seus jogadores fossem capazes de fazer várias posições, além de exigir que todos atacassem e todos defendessem sem bufar, olhar de lado ou chutar garrafas.

• 1954 - Final do Campeonato do Mundo em Berna. Puskas remata contra Liebrich.

Por uma questão de justiça, a partida seria disputada em duas superfícies distintas: relva do Bloco de Leste dos anos 50 e o tal piso-alcatifa do SkyDome. A moeda ao ar ditou que a 1.ª parte seria jogada no terreno do agrado dos húngaros, que aproveitariam então para pressionar fortemente o último reduto nacional. Contudo, Jorge Costa e Paulo Madeira mostravam ser consideravelmente menos burros do que a generalidade dos centrais dos anos 50, não caindo no engodo de ir atrás de Hidegkuti. Ao manter a sua posição, criavam assim dificuldades a Puskas e Kocsis, com todo o jogo húngaro a sofrer com isso, e com as incontáveis dobras de Rui Bento. A postura de Portugal seria presumivelmente de expectativa, interessando levar o jogo em aberto para a segunda parte, na alcatifa. Aí, Portugal pressionaria os húngaros, apostando sobretudo na velocidade de cabeça-baixa de Folha e na lentidão de cabeça-levantada de Barbosa, sendo expectável que Paulo Alves acabasse por ganhar alguma bola de cabeça ao central húngaro mais baixo (Zakariás). Ainda assim, 45 minutos a jogar de sapatilhas em relva soviética dos anos 50 implicaria quase de certeza uns dois ou três golos de desvantagem, daí que se aposte aqui num 3-1 para os húngaros. Mas com Portugal a atirar duas bolas à barra na segunda parte e dois lances muito duvidosos na área magiar, os heróis do SkyDome saíram como vencedores morais deste encontro memorável.

RESULTADO FINAL



ton Zola Moukoko

ONDE PARAM AS ESTRELAS DO CHAMPIONSHIP MANAGER?

PEDRO SANTO

Maxim Tsigalsko

No jogo, eram estrelas capazes de levar a equipa às costas, no entanto, na vida real, ficaram bem distantes do estrelato.

Tal como todas as coisas que realmente importam nesta vida, também as memórias sobre o muito-mais-do-que-um-jogo Championship Manager variarão de pessoa para pessoa. Pessoalmente, a versão que mais aquece o coração é a que se iniciava na temporada 2001/02, e era nela que, mais tarde ou mais cedo, pontificariam os dois nomes que se seguem. Nomes que levavam ao rubro qualquer entusiasta da relação bagatela/proto-bola-de-ouro – que é, para que conste, a relação mais prazenteira da história dos videojogos.

Fora do jogo, não teve tanta sorte. Porque, enfim, a vida nem sempre imita a arte e este Van Basten do século XXI também era muito propenso a lesões.

TONTON ZOLA MOUKOKO

Médio-ofensivo, segundo avançado ou vagabundo da frente de ataque (que na altura ainda os havia), Tonton era tudo o que um treinador virtual poderia desejar. Nascido no Congo, era um produto da formação dos suecos do Djurgardens, e, ainda hoje, metade do planeta dirá que é melhor jogador da história do clube, sendo que a outra metade provavelmente não dirá nada. Começava a época CM 01/02 com 16 ou 17 anos, já nos ingleses do Derby County, que, burros como portas, o deixariam sair por uns quantos milhares de libras. Diz-se que, na vida real, Tonton era mesmo talentoso e poderia ter feito jus pelo menos ao nome do meio, mas uma série de tragédias pessoais acabaram por travar o seu crescimento. Depois de passagens sem brilho por alguns clubes escandinavos de divisões secundárias, é, aos 34 anos, fundador-dono-presidente-treinador-jogador do Kongo United, da 7ª ou 8ª divisão regional de Estocolmo. Ah, foi precisamente ao serviço deste simpático clube, e numa dessas divisões, que outro congolês, Yanick Djouzi Manzizila, esmigalhou um recorde sueco com 60 anos: marcou 21 golos na vitória por 30-0 sobre o Botkyrka Södertälje IK. Coincidência? Não existem coincidências.

MAXIM TSIKALKO

Verdadeiro sinónimo de golos, o ponta-de-lança bielorrusso pelos vistos chama-se Maksim Tsyhalka. Pouco importa, que será Tsigalko até ao fim dos seus dias. Natural de Minsk, estava no Dinamo e seria contratável por um valor relativamente baixo, se conseguíssemos fingir que não estávamos assim tão interessados nele – uma técnica basilar em qualquer negociador de sucesso. Maxim/Maksim do jogo não tinha pontos fracos e, depois de uns anos ao mais alto nível, era homem para tornar a Bielorrússia num dos grandes favoritos do Mundial 2006. Fora do jogo, não teve tanta sorte. Porque, enfim, a vida nem sempre imita a arte e este Van Basten do século XXI também era muito propenso a lesões. E das chatas. Em 2004, na pré-época, lesiona-se no primeiro treino pelo Marítimo, acabando, então, por nunca pisar relvados nacionais e estilhaçando os sonhos dos incontáveis fãs lusos da sua carreira virtual. Volta à Bielorrússia, tendo ainda abrilhantado as ligas cazaque e arménia, antes de se retirar prematuramente. Foi internacional em duas ocasiões e até marcou, num amigável contra o Uzbequistão, em 2003. E, sim, o golo está no Youtube, graças a Deus.

<i>Acceleration</i>	20	<i>Creativity</i>	16
<i>Aggression</i>	17	<i>Crossing</i>	11
<i>Agility</i>	14	<i>Decisions</i>	10
<i>Anticipation</i>	7	<i>Determinations</i>	18
<i>Balance</i>	18	<i>Dribbling</i>	7
<i>Bravery</i>	13	<i>Finishing</i>	20

CREVER! SUBSC

OPÇÃO #01

4 NÚMEROS

35€

OPÇÃO #02

8 PELO PREÇO 7

62€

OPÇÃO #03*

8 NÚMEROS
+ TÊNIS LOTTO



100€

* opção válida para
as cinco primeiras subscrições

www.noventaminutos.pt/subscricoes



